# A VIDA DE JUSCELINO KUBITSCHECK E SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

MARLENE AYAKO DOMENI

RESUMO:

Procurou-se historicamente apresentar o processo de construção e fundação de Brasília durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK - 1956 - 1961), que ficou marcado pela política desenvolvimentista que visava à modernização do Brasil, incentivando a vinda de indústrias multinacionais. Questionam-se quais foram os impactos que a construção da nova capital brasileira trouxe aos sertanejos e interioranos, principalmente? Como se deu a construção de Brasília, desde seus primórdios até as vias de fatos? O objetivo da pesquisa é compreender o contexto nos quais as políticas desenvolvimentistas do governo de Juscelino Kubitschek foram instituídas e a simbologia que envolvia a nova capital nos anos 1960, tendo em mente que Brasília deveria representar o sonho de um Brasil que estava se tornando um "país do futuro". Pretende-se mostrar ainda que os argumentos levem a conclusão a partir de premissas individuais. A metodologia utilizada neste artigo foi à revisão bibliográfica de caráter exploratório-descritivo que como explicam Lakatos e Marconi (2011), tem como objetivo descrever completamente determinado fenômeno, realizando análises teóricas, sendo este, um processo mental do qual parte de dados particulares suficientemente constatados, fazendo uma análise de fatos e informações concretas.

PALAVRAS-CHAVE: História; Brasília; Juscelino Kubitschek; Oscar Niemeyer.

## INTRODUÇÃO

A construção de Brasília, assim como o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK), provoca inúmeros debates. Muitos consideram tal obra desnecessária e inútil, pois acreditavam que o Rio de Janeiro, o principal cartão postal do Brasil, deveria continuar sendo a capital. Mais tarde, alguns analistas do assunto chegaram a ligar a decadência econômica e social da "cidade maravilhosa com perda do status do capital". A forma como se deu à construção da capital, o trabalho empregado e o contexto histórico político de sua construção também deve ser analisado.

Justifica-se que para realizar tal pesquisa é necessário contextualizar o cenário, primeiramente realizando uma análise sobre a história de Juscelino Kubitschek que, para o bem ou para o mal, dividindo opiniões e criando polemica, é um dos personagens mais importantes da história política do Brasil em relação à construção de Brasília.

Questionam-se quais foram os impactos que a construção da nova capital brasileira trouxe aos sertanejos e interioranos, principalmente? Como se deu a construção de Brasília, desde seus primórdios até as vias de fatos?

O objetivo da pesquisa é compreender o contexto nos quais as políticas desenvolvimentistas do governo de Juscelino Kubitschek foram instituídas e a simbologia que envolvia a nova capital nos anos 1960, tendo em mente que Brasília deveria representar o sonho de um Brasil que estava se tornando um "país do futuro". Pretende-se mostrar ainda que os argumentos levem a conclusão a partir de premissas individuais.

A metodologia utilizada neste artigo foi à revisão bibliográfica de caráter exploratório-descritivo, pois como explicam Lakatos e Marconi (2011), teve como objetivo descrever completamente determinado fenômeno, realizando análises teóricas, sendo este, um processo mental do qual parte de dados particulares suficientemente constatados, fazendo uma análise de fatos e informações concretas. Na abordagem metodológica adotada, ficou caracterizada como sendo descritiva, pois é quando o pesquisador observa e conhece a realidade atual do fato pesquisado, assim descreve, classifica e interpreta com que frequência o fenômeno acontece.

## A VIDA DE JUSCELINO KUBITSCHECK E SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E POLÍTICA ANTES DA PRESIDÊNCIA

Iniciaremos versando sobre o panorama histórico das práticas intituladas como racistas. Trata-se de uma caracterização, de certa forma breve, que visa exemplificar algumas situações que foram entendidas como discriminatórias.

Buscou-se, ao longo da história mostrar o Brasil e suas questões raciais e a resistência negra, algumas ações, como o mito da democracia racial brasileira e a resistência negra, que colaboraram para a definição de racismo que temos hoje.

No dia 22 de agosto de 1902 nasceu, na cidade de Diamantina, estado de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek de Oliveira, filho de pai caixeiro viajante e mãe professora. Ainda menino, Juscelino tinha paixão pelo futebol. Ele chegou a jogar no time amador do Clube América Mineiro, pelo qual simpatizava, e acompanhava as partidas do time oficial, sempre que possível.

Na fase da juventude, Juscelino decidiu cursar faculdade de medicina, na qual se

formou no ano de 1927, complementando o curso e realizando estágios na Europa, em 1930, mais especificamente nas cidades de Paris e Berlim, respectivamente na França e Alemanha.

Retornando ao Brasil, em 1931, rapidamente casou-se com Sara Lemos e passou a atuar como médico da Polícia Militar, com o título de capitão. Foi nesta época que tomou seus primeiros contatos com o meio político, ficou amigo de Benedito Valadares, que seria nomeado Governador de Minas Gerais. Em 1933, Valadares passou a administrar o estado de Minas Gerais e, foi então que Juscelino deu seus primeiros passos políticos, quando foi nomeado pelo amigo, como chefe de gabinete.

Não demorou muito para que Kubitschek passasse a trilhar seus próprios caminhos. No ano seguinte, foi eleito deputado federal, cargo que exerceu até 1937. Três anos depois, foi nomeado prefeito da cidade de Belo Horizonte, onde permaneceu até o ano de 1945.

Sua gestão ficou marcada pela remodelação da cidade, constituindo assim um importante acervo arquitetônico cujas obras, em sua maioria, foram assinadas por Oscar Niemeyer. Tal experiência foi de suma importância para que, na presidência, JK levasse adiante o projeto de construir a nova capital federal.

Após a II Guerra Mundial, em 1945, o Brasil passou por um processo de redemocratização, terminando assim a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. No ano seguinte, em 1946, Juscelino Kubitschek filiou-se ao Partido Social Democrático (PSD), fundado pelo ex-presidente Getúlio Vargas.

Tal agremiação era formada por oligarcas e fazendeiros que haviam apoiado Vargas durante o longo período que permaneceu na presidência. No PSD, ele se elegeu deputado constituinte, ajudando na elaboração da Constituição de 1946.

Aliás, é importante frisar que o PSD foi o único partido ao qual Juscelino foi filiado na vida. Em 1950, Juscelino Kubitschek foi eleito democraticamente governador de Minas Gerais, coroando assim uma trajetória política de rápida ascensão. Foi como governador de Minas que JK, através de uma política francamente desenvolvimentista, projetou-se nacionalmente.

Durante seu governo foram construídas cinco usinas hidrelétricas e mais de três mil quilômetros de rodovias foram expandidas. Terminado o mandato em 1954, Juscelino tinha em mente que poderia almejar vôos maiores.

Dessa forma, no ano seguinte, foi escolhido pelo PSD para ser o candidato do partido à presidência, encabeçando a chapa com o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), também fundado por Getúlio Vargas.

A chapa, na visão da direita encabeçada pela UDN (União Democrática Nacional) e pela cúpula das Forças Armadas, era vista como a continuidade do varguismo no país, algo que estes consideravam um perigoso sinal de que o país caminhava para a "comunização", e, por isso, ela se mostrava terminantemente contra a candidatura de JK.

Juscelino teve como vice João Goulart, ex-ministro do Trabalho de Vargas e tido como o seu sucessor político. Em uma eleição apertada e extremamente dividida, JK venceu as eleições por uma pequena margem de votos, superando o candidato da UDN, Juarez da Távora. Tanto os udenistas como os militares questionaram a legitimidade do resultado da eleição, argumentando que JK não teria conquistado os votos de mais da metade do eleitorado.

Curiosamente, não havia nenhuma lei na Constituição de 1946 que previa a marcação de novas eleições no caso do primeiro colocado não contarmos com mais da metade dos votos.

Apesar de o Tribunal Superior Eleitoral legitimar o resultado da eleição presidencial, a UDN tentou um golpe de Estado, aproveitando-se do afastamento do presidente Café Filho, O presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, udenista, tentou aprovar um decreto convocando novas eleições, mas a tentativa malogrou porque um importante setor das Forças Armadas, liderado pelo marechal Lott, impediu que a manobra se concretizasse. Dessa forma, JK tomou posse da presidência em 31 de janeiro de 1956.

JUSCELINO KUBITSCHEK NA PRESIDÊNCIA (1956-1961)

Juscelino Kubitschek de Oliveira pode ser considerado um dos presidentes da República mais controversos da história do Brasil. Ao lado de Getúlio Vargas, é considerado um dos grandes incentivadores da industrialização brasileira. Contudo, essa figura política também é criticada por muitos historiadores e sociólogos, que vêm na sua política desenvolvimentista uma das causas da grave crise econômica que se seguiu após o seu governo, caracterizada por altos índices de inflação e pelo grande endividamento externo.

Apesar dessas contradições, a imagem de JK mais consagrada na História foi a do grande empreendedor e visionário, capaz de trazer o progresso para o país.

À conjuntura histórica favorável ao surgimento de novos atores na cena política brasileira alia-se outro fator não menos relevante para a emergência de Kubitschek na política: a inculcação de seu nome na sociedade no período em que atuou. O movimento de aproximação levado o termo, con-

comitante à divulgação desse gesto, foram imprescindíveis para a vitória de uma elaborada e cuidadosa imagem construída passo a passo no desenrolar da carreira que consagrou. (SIMÕES, 2000, p. 39).

Da gestão presidencial de Juscelino, uma das ações mais marcantes foi o Plano de Metas, como é popularmente conhecido, mas, foi anteriormente denominado de Plano Nacional de Desenvolvimento, cujo lema foi à famosa frase "Cinquenta anos em cinco".

O Plano de Metas contava com trinta e uma delas, divididas em seis principais grupos, sendo estes: Energia; Transportes; Alimentação; Indústria de base; Educação; e Brasília (sendo esta última e a principal das metas).

A intenção era construir a capital do país no centro do território nacional, estimulando o crescimento da economia fora dos grandes centros do Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro), que se daria pela expansão industrial, promovendo a diversificação e integração da população oriunda de todos os estados e regiões do Brasil.

Voltaire Schilling (2014, p. 41) em seu Caderno de História, dedicado ao memorial JK, discorreu um pouco mais sobre a questão do Plano de Metas que ratava-se de um ambicioso projeto de transformar o Brasil numa nação industrializada no mais breve tempo possível, justificando, assim, a sua promessa de campanha de fazer "50 anos em 5". Esta decisão vinha de tempos, desde que Juscelino, deputado federal, visitara os Estados Unidos em 1948. Sentiu lá, com seus próprios olhos, que o Brasil não poderia mais continuar sendo somente um país agrícola, fazendo de tudo para mudar a sua face. A nação que ele herdou era extremamente pobre.

Conforme Schilling (2014) nesta época, a maioria da população dedicava-se as atividades agropecuárias, das quais outros, cerca de 20 milhões de brasileiros dependiam para sobreviver. Os 21 milhões de cidadãos que estavam no comércio, serviços e indústria sobreviviam com salários extremamente baixos e neste cenário, a maioria da população estava concentrada nas áreas rurais, totalizando 60%, enquanto que, apenas 40% viviam nas áreas urbanas.

O Produto Bruto Nacional não ultrapassava 7 bilhões de dólares e a renda per capita era de apenas U$ 137 dólares. Logo, o projeto desenvolvimentista que ele abraçou visava alterar aquele estado de coisas, afinando-se, assim, com a elite intelectual de sociólogos e economistas que se concentravam no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e que, num cenário marcado pela descolonização dos povos do Terceiro Mundo, defendiam um desenvolvimento autônomo para o país (SCHILLING, 2014, p. 2).

O modelo de gestão de Juscelino na Presidência da República passou a ser considerado referencial na retomada da democracia no Brasil, dos anos 1956 a 1961. JK, como passou a ser carinhosamente chamado, instaurou uma verdadeira 'nova era', dos seus anos no poder.

A conhecida 'Era JK' estava espalhada por todos os cantos do Brasil, frutificando assim um imaginário no qual o país estaria entrando na modernidade e, finalmente, estaria vivenciando o seu destino: ser uma potência. Não foi a toa que é dessa época a famosa frase: "Brasil: o país do futuro".

Tal modernidade era simbolizada na industrialização através da instalação de empresas multinacionais, principalmente do ramo automobilístico, e na urbanização desenfreada cujos efeitos, tanto positivos como negativos, vivenciamos no nosso cotidiano.

No final dos anos 1950, já não se falava mais de um Brasil "rural" e outro "urbano", mas sim de um país que, cedo ou tarde, seria totalmente urbano e industrial. Simbolizava também esse "Brasil Moderno" a classe média urbana que, a partir desse momento, começava a ter acesso a novidades tecnológicas do Primeiro Mundo, agora produzidas no país e com preços acessíveis, fazendo com que tais produtos se tornassem acessíveis para boa parte da população, como era o caso dos eletrodomésticos.

Foi esse grupo social que começou a copiar o American Way of life (estilo de vida norte-americano), que tinha como base o consumismo, tido como sinônimo de felicidade do povo. A chegada das indústrias multinacionais norte-americanas e a forte presença dos filmes norte-americanos de Hollywood nos nossos cinemas de tordo o país contribuíram, ainda mais, para reforçar esse quadro.

Também houve uma considerável expansão dos meios de comunicação. Revistas e jornais expandiram o número de tiragem de seus exemplares, chegando a vilas e cidades longínquas do interior do Brasil.

A programação do rádio consagrava programas populares, principalmente músicas e humorísticos. Já os aparelhos de televisão começaram a ser fabricados no país, barateando seu preço a ponto de o aparelho tornar-se acessível à classe média urbana. Um imaginário otimista/desenvolvimentista tomou conta do país durante o governo JK. Até artistas e intelectuais pareciam enfeitiçados por tal imaginário, como destacou Schilling (2014):

Os anos JK foram entendidos como "os anos dourados" da cultura brasileira. O clima de otimismo, de bom humor e de esperança que Juscelino transmitia - o homem era quase um mágico contaminou toda uma

geração de músicos e artistas brasileiros. O próprio presidente, sempre que possível cercado de escritores como Josué Montello, Augusto Frederico Schmidt, Autran Dourado, Carlos Heitor Cony, Pedro Nava, e tantos outros, dava exemplo do seu apreço às letras. O bairro boêmio de Ipanema, no Rio de Janeiro, como bem demonstrou Ruy Castro, tornou-se uma usina de novidades e de experiências culturais, musicais, teatrais, televisivas e cinematográficas. Para a nova geração de compositores brasileiros, a Bossa Nova por eles criada, cujo marco foi a gravação de "Chega de Saudade" de João Gilberto, em 1958, vinha libertar a música brasileira do derrotismo, de ser "macambúzia e sorumbática". Afirmação disso era que o verso lamentoso de Herivelto Martins, "Não, eu não posso lembrar que te amei" foi, substituído pelo afirmativo viril de Vinícius de Morais "Eu sei que vou te amar"! Por toda a minha vida eu vou te amar (SCHILLING, 2014, p. 5).

Houve, além de tudo, o ponto mais importante da gestão de JK, que marcou ainda mais a união do presidente e Oscar Niemeyer: a construção de Brasília, a nova capital do país, da qual falarei com mais profundidade mais adiante.

O esporte também simbolizava esse Brasil que chegava ao futuro e que cuja grandeza começava a ser reconhecido pelas outras nações. Em 1958, o Brasil foi campeão da Copa do Mundo de futebol pela primeira vez, na Suécia. Eder Jofre sagrou-se campeão mundial de boxe, peso pena. E Maria Ester Bueno ficou conhecida por conquistar o mais importante torneio de tênis do mundo, o de Wimbledon, na Inglaterra. O esporte também ajudou na consolidação da fé no "Brasil do futuro".

O Plano de Metas possibilitou a abertura do mercado brasileiro a capitais estrangeiros, e a oferta de novas modalidades de crédito para a classe média acabou aquecendo o mercado interno. JK ainda forneceu financiamento para que fossem possíveis as construções de indústrias automobilísticas e navais no país. Bem como, colaborou para a expansão de outras indústrias, como a hidrelétrica, com a construção das Usinas Furnas e Três Marias, além da abertura de rodovias e o aumento da produção de petróleo.

Porém, em um momento em que incentivava a vinda da indústria multinacional automobilística para o país, os investimentos de seu governo no transporte ferroviário foram diminutos, iniciando assim um sucateamento das ferrovias no Brasil e uma dependência absurda do transporte rodoviário.

Mas, nem tudo no governo JK e na própria carreira política dele foram flores, muitos autores e estudiosos da área, acreditam que, embora tenha elevado os níveis de produção e lucros do Brasil, os modelos de gestão do presidente também acarretaram prejuízos e o aumento frenético da inflação no país. Em 1960, por exemplo, a inflação subiu de 25% a 43% ao ano, passando, em 1962, para 55% e no ano seguinte para 81%.

O aumento do poder de compra do trabalhador cresceu apenas 15%.

Números negativos que contrastavam com o crescimento da produção industrial de 80%, e com a taxa média de lucros das empresas, que era de 76%. Porém, tal quadro negativo teve pouco impacto político na sua gestão, conhecida como um breve período de estabilidade, sem as grandes agitações que antecederam e sucederam a ele. Nesse novo contexto, os negros continuaram em desvantagens frente aos brancos e não podiam concorrer em condições paritárias; cor não deixou de ser um fator restritivo ao sucesso individual e/ou do grupo.

Por isso, na competição que se instaurou entre negros e brancos, o trabalho, a competência, inteligência, capacidade e esforço individual não poderiam ter sidos os únicos requisitos que iriam determinar o acesso a bens públicos e privados. Já que o mérito não era o único critério para o indivíduo vencer na vida em uma sociedade marcada pela desigualdade, qualquer infortúnio pessoal poderia ser reflexo das injustiças raciais ou como distorções do sistema social (DOMINGUES, 2005, p, 117).

Conforme Domingues (2005), a sociedade considerava o fracasso dos negros como consequência de suas próprias deficiências, o fato de terem sido escravizados por quase quatrocentos anos, e todo reflexo que isso poderia causar, não eram levados em consideração. É importante ressaltar que não houve nenhum projeto de integração do negro após a abolição, eles foram inseridos em um sistema de trabalho que não estavam habituados, eram analfabetos, carente dos mínimos necessários para sua sobrevivência.

A aparente empatia dos italianos pelos negros pode ter contribuído para uma falsa consciência racial. Alguns brancos e negros atribuíam ao clima de suposta união, como por exemplo, no bairro da Bexiga, a ausência de preconceitos raciais (DOMINGUES, 2005, p.121).

A miscigenação também foi um dos fatores importantes que contribuiu para o mito da democracia racial. O elevado nível de miscigenação se deu ao livre processo de exploração sexual da mulher negra escravizada.

Dito isso, a democracia racial no Brasil, atribuiu ao mulato uma categoria diferente ao do negro, cenário completamente diferente dos Estados Unidos, que não fazia distinção do grau de pigmentação do mulato, eram todos considerados negros.

O mulato no sistema racial brasileiro

passou a ter um tratamento diferenciado, com maiores chances de ascensão social e aceitação social, mas em contrapartida, capitulou mais facilmente aos interesses da dominação, amortecendo o choque derivado do antagonismo racial (DOMINGUES, 2005, p.125).

Para Hofbauer (2006), a mídia é o maior mecanismo de formação ideológica para as massas, e com ela as pessoas costumam relacionar as heranças, vistas como positivas ligada aos imigrantes europeus, no sentido de se tornar mais próximo a cultura européia, sem citar o que os imigrantes africanos contribuíram para o desenvolvimento da cultura brasileira, tornando aparentemente distante nossa ligação com a África (apud SALES, 2018, p. 14).

Silva Filho (2004) declara que a nossa ligação com o continente africano está mais próxima e mais intensa que quaisquer outras influências. A presença negra esta tanto na linguagem falada, escrita e gestual; no modo de se vestir; em todas as formas de arte; na mentalidade; na filosofia de vida; nos sentimentos; na religião; e nas relações sociais, porém não é reconhecida, mas é vivida principalmente pela camada popular, existindo como uma forma de resistência (apud SALES, 2018, p.

14).

Para Araújo e Polidori (2012)

A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, na pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações.

(ARAÚJO; POLIDORI, 2012, p. 97).

Infelizmente, o racismo no Brasil não é ilusão. Pelo contrário, existe em diversos espaços e suas consequências de desigualdade ecoam em todas as instâncias sociais. A cidade, enquanto espaço de produção e reprodução social, reflete a forma como a população negra é tratada, ou seja, ela se configura a partir da maneira como a sociedade se organiza: desigual e segregada.

## A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JK APÓS A PRESIDÊNCIA

Após cumprir seu mandato como Presidente da Republica, em 1960, Juscelino Kubitschek candidatou-se e foi eleito senador pelo estado de Goiás, em 1962. Em meio ao conturbado governo de João Goulart (1961-1964), JK mantinha boa parte de sua popularidade e era tido como favorito para as eleições presidenciais que se realizariam em 1965.

Porém, o golpe militar de 31 de março de 1964 mudou tanto o seu destino como o de todo o país. Tido pelos militares como responsável pela crise econômica, além de ser acusado por aliar-se com os comunistas durante o seu governo, Juscelino teve seus direitos políticos cassados alguns dias depois do golpe militar.

Além disso, forçado pelo regime militar, teve que deixar o país por algum tempo.

Ao retornar em 1967, articulou uma aliança oposicionista contra a Ditadura

Militar na qual figuravam também João Goulart e Carlos Lacerda. Conhecida como Frente Ampla, essa aliança foi selada pelo que ficou conhecido como Pacto de Montevidéu (1967).

Apesar de a Frente ter organizado alguns comícios pelo Brasil, com uma boa receptividade perante a população, a aliança não conseguiu vingar devido ao endurecimento do regime, que proibiu a sua atuação em 1968. A partir daí, sem poder atuar na política, JK dedicou-se mais a sua vida de empresário, cuidando dos seus próprios negócios. Mas, isso não significou um afastamento total da política.

Durante vários anos, Juscelino manteve contatos bem próximos com o partido da "oposição consentida", o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), esperando que os militares permitissem o exercício dos seus direitos políticos para voltar a atuar mais diretamente nessa área.

Porém, o arbítrio que vivíamos naquele período era intenso. Juscelino era constantemente vigiado pelos órgãos de segurança e, justamente temendo uma prisão arbitrária, fez várias viagens para os Estados Unidos e países europeus, ficando pouco tempo no Brasil.

Provavelmente, tal temor não era infundado, pois foi em uma estada mais prolongada no país, justamente em uma época em que os militares sinalizavam um momento de abertura política, que Juscelino Kubitscheck faleceu em um acidente automobilístico ainda não totalmente esclarecido, no ano de 1976.

Voltando de uma reunião política, o carro de JK acidentou-se na altura do Km

328 da Rodovia Dutra, nas proximidades da cidade de Resende, estado do Rio de Janeiro. As circunstâncias do acidente são bastante obscuras até os dias de hoje. E a curva que o levou a óbito o ex-presidente é conhecida atualmente como "curva JK". Seu funeral contou com mais de 30 mil popula-

res, apesar da Ditadura impor várias restrições ao seu velório em Brasília. Desde 1981, seus restos mortais se encontram no Memorial JK, erguido na Capital Federal.

Qual o legado da presidência de JK? Essa é uma controvérsia que dura até hoje. O questionamento de Costa (2005) parece sinalizar tal problema:

JK foi um visionário que mostrou que o país podia dar certo, um administrador extremamente talentoso que fez o país crescer uma média de 8% ao ano e terminou o mandato mais popular do que quando começou? Ou um megalomaníaco, corrupto e entreguista, como acusava a oposição à esquerda e a direita? (COSTA, 2005, p. 3).

Um dos poucos jornais que questionavam a imagem de presidente desenvolvimentista de Juscelino Kubitscheck durante a sua gestão foi o jornal carioca "A Hora". Tal publicação possibilita mostrar a aversão de boa parte da população carioca ao projeto de JK de transferir a capital federal do Rio de Janeiro para Brasília.

Em uma reportagem de 1957, o jornal carioca "A Hora" questionava o modelo de governar de Juscelino e o projeto de construção de Brasília, com uma linguagem um tanto sarcástica. A publicação, de 26 de fevereiro, era intitulada "JK no Palácio das Ilusões Perdidas: Faixa Negra – Belo "Abacaxi" Vai Passar o Presidente", sendo que, logo abaixo, reproduzimos parte dele:

É universalmente conhecida a vocação do brasileiro para "fazer piadas". Os nossos amigos lusos que o digam. Ora criamos piadas, espírito preconcebido: ora improvisamo-las ao sabor dos fatos correntes; ora soltamo-las naturalmente, consciente ou inconscientemente, não importa. Somos mesmo um povo de pródiga verve piadística.

E como o exemplo, bom ou mal, geralmente "vem de cima", nada há de estranhar o fato de hoje registrarmos uma "piada" de autoria do mais alto representante do Executivo feral: Sr. Juscelino Kubitschek.

Queiramos ou não, sentimos hoje a imperiosa necessidade de expor ao olhar dos nossos leitores a mais "dramáticos" piada do ano. Embora paradoxal esta expressão, não obstante incoerente, pois o que é dramático não deve ser engraçado, em verdade adapta-se como uma luva ao realismo do fato em si. Ei-la a "piada", nua e crua, tragicamente nua, dramaticamente engraçada:

Pasmem senhores. São palavras do Sr. Juscelino Kubitschek. Salvo se estivermos errados quanto ao verdadeiro sentido das palavras do nosso riquíssimo idioma português, então não se trata de uma piada presidencial.

Estamos realmente sendo dirigidos por um político carreirista que, ou é ilusionista (e por isso mantém no poder iludindo o povo brasileiro), ou vive, então, ele mesmo, de messiânicas quimeras, de sonhos, de evocações místicas e metafísicas, no mundo da automistificação, qual beocio [sic.] embriagado de sublime, mas inócua inspiração, tão frequente nas lendas gregas e nas histórias que as vovós ainda hoje contam aos seus queridos netinhos [...].

Considera-se neste item que, Juscelino foi um Presidente que trouxe uma gestão inovadora ao Brasil, foi bem acolhido pela população, mas, seu modelo criativo de fazer política foi bastante questionado quanto à relação de gastos, alta dos índices de inflação e dúvidas sobre se JK era apenas um político fazendo política, não no bom sentido da palavra, infelizmente, já que muitos acreditavam que ele se autopromovia por meio de suas promessas, que enganavam a população. Mesmo com tantos questionamentos, JK fez história na política, e com o capital oriundo de empréstimos internacionais, ele conseguiu finalizar e inaugurar Brasília, em 21 de abril de 1960.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se então que, Juscelino foi um Presidente que trouxe uma gestão inovadora ao Brasil, foi bem acolhido pela população, mas, seu modelo criativo de fazer política foi bastante questionado quanto à relação de gastos, alta dos índices de inflação e dúvidas sobre se JK era apenas um político fazendo política, não no bom sentido da palavra, infelizmente, já que muitos acreditavam que ele se autopromovia por meio de suas promessas, que enganavam a população.

Mesmo com tantos questionamentos, JK fez história na política, e com o capital oriundo de empréstimos internacionais, ele conseguiu finalizar e inaugurar Brasília, em 21 de abril de 1960.

Um dos grandes pontos que geraram critica a Juscelino Kubitschek em relação à construção de Brasília foi o gasto imenso que a obra de construção inferiu aos cofres públicos, favorecendo o lado da oposição em suas duras criticas contra o presidente.

A construção de Brasília pode ter trazido tantos benéficos como aspectos nem tão positivos para o país. Se de um lado ela empregou milhares de trabalhadores e, ao mesmo tempo, se simbolizou os sonhos de um Brasil diferente, do outro ela provocou um endividamento enorme do estado brasileiro, o que provocou uma grande crise que pode ter provocado o golpe militar de 1964.

Boa parte das fontes referentes a construção de Brasília parecem indicar que os custo da obra foram altos, a ponto de influenciar negativamente na economia brasileira.

## REFERÊNCIAS


ARAÚJO, C. M.; POLIDORI, M. M. Análise de sistemas de educação superior no Brasil e em Portugal: o que apontam as políticas educacionais. Porto Alegre: EDIPUCRS, Editora Universitária Metodista, 2012.

COSTA, C. "Os Anos JK". Revista Nossa História, Rio de Janeiro, n. 23, ano 2, 2005.

DOMINGUES, P. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (18891930) - Diálogo Latino americano 10. 2005. Disponível em: file:///C:/Users/gmart/Downloads/mito_democracia.pdf. Acesso em 16 set. 2023.

JORNAL A HORA. Jk no palácio das ilusões perdidas: Faixa negra – "Belo Abacaxi" vai passar o presidente. São Paulo, 26 de fevereiro de1957.

KUBITSCHECK, Juscelino. Por que construí Brasília. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Resenha do governo do presidente Juscelino Kubitscheck (1956-1961). Tomo II. Rio de Janeiro: Serviço de documentação, 1960.

SALES, G. M. Racismo – Uma Questão Étnica Racial Brasileira. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03 ed. 07, vol. 07, pp. 5-19, Julho de 2018. ISSN: 2448-0959. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/racismo. Acesso em 16 set. 2023.

SIMÔES, J. G. Selênico canto – Juscelino Kubitscheck e a construção de uma imagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SCHILLING, V. Os anos JK, otimismo e esperança. Caderno de História, n. 12 –

Memorial do Rio Grande do Sul. 2014. Disponível em:

<https://www.yumpu.com/pt/document/read/13549092/os-anos-jk-otimismo--eesperanca-memorial-do-rio-grande-do--sul>. Acesso em: 17 set. 2023.